

POLÍCIA

Um rapaz foi ao cinema com a noiva. Sentou-se com ela depois em um banco da Avenida Atlântica. E estava conversando com a moça essas coisas que os noivos conversam, quando parou uma camioneta, desceram vários homens que o agrediram a bofetadas, o jogaram dentro do carro, e lhe deram tantas pancadas e ponta-pés que o rapaz teve de ser internado no Hospital Miguel Couto, em estado grave.

E a polícia? — perguntará o leitor ingênuo que não habitar esta bela cidade do Rio de Janeiro. Porque diante de uma história assim, o leitor carioca tem logo a lembrança de um nome: Padilha. Trata-se de um comissário de Polícia que tem alcançado notoriedade à custa de espancamentos e prisões arbitrárias. Sob o pretexto de combater a imoralidade, vive ele a prender e surrar, ao acaso, as pobres mulheres da vida e, de um modo geral, qualquer pessoa que não lhe agrada. Há vários processos instaurados contra o comissário Padilha, mas ele sorri disso, e continua a praticar violências e crimes. Muitos nem chegam ao conhecimento público. O rapaz preso na Avenida Atlântica teve sorte: ao chegar preso à Delegacia do 2.º Distrito, ali estavam vários repórteres e fotógrafos interessados no crime do Sacopá. Foi graças à intervenção dos jornalistas que Tupan Bento — este o seu nome — foi removido para o hospital.

O comissário de serviço quis impedir o contacto dos homens de imprensa com o preso. Esse comissário de serviço tinha razão, embora acabasse por desistir de seu intento. Tinha razão porque estava cumprindo ordens — ordens que constam de uma portaria do Chefê de Polícia, general Ciro Rezende. Visa essa portaria lançar o "black-out" sobre as atividades da polícia; proibir que, através da imprensa, o povo saiba o que fazem as autoridades que ele paga para zelar pela sua segurança e tranquilidade.

A figura do comissário Padilha me parece, afinal de contas, bem vulgar. É o tipo conhecido do policial que pensa fazer bonito agindo com sadismo, que diz "comigo ninguém pode", que acha que ser valente e "machão" é abusar da força e da autoridade. Muito mais inquietante me parece a figura do senhor general Ciro Rezende. Quem o vê numa "boite" a beber seu uísque e discreitar com as damas, pensa que se trata de um homem sereno e amável, de consciência limpa, que vive a sua vida. Mas esse homem tem a responsabilidade tremenda de velar por uma grande população. E a Polícia de que ele é o chefe espanca, e mata livremente sem que ele se lembre de tomar outra providência além de proteger os covardes espancadores e assassínios e de tentar impedir que a imprensa cumpra o seu dever primário de protestar contra esses crimes.

Que estranha mentalidade tem esse general, que extravagante senso de ordem, de disciplina, de responsabilidade tem ele? Não precisaria ir longe, o general Ciro Rezende, para ver bons exemplos: o mesmo cargo que ocupa já foi dignificado por seus colegas de farda, como um Alcides Etchegoyen e um Nelson de Melo. A maior campanha já feita no Rio contra a prostituição, pelo primeiro desses oficiais, não teve, nem de longe, esse feitiço escandaloso, cruel e arbitrário das atividades inconsequentes e ferozes do comissário Padilha.

Use o general Ciro Rezende a autoridade de seu cargo e de sua farda para impor à Polícia o respeito ao cidadão carioca, para obrigá-la a trabalhar pela ordem e não a espalhar a injustiça e o terror. Já começará tarde, se o fizer. E fará bem, se não se dispuser a isso, em deixar um cargo de onde a displicência criminoso do sr. Getúlio Vargas, tão irmã da sua, não se lembrou ainda de retirá-lo. — R.B. 2016/52